

THOMAS HOBBS



ELEMENTOS
DA
FILOSOFIA



SOBRE O CORPO



COLEÇÃO FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA

1ª EDIÇÃO
BRASIL – 2012

**icone**
editora

© Copyright da tradução – 2012.
Ícone Editora Ltda.

Coleção Fundamentos da Filosofia

Conselho editorial

Cláudio Gastão Junqueira de Castro
Diamantino Fernandes Trindade
Dorival Bonora Jr.
José Luiz Del Roio
Marcio Pugliesi
Marcos Del Roio
Neusa Dal Ri
Tereza Isenburg
Ursulino dos Santos Isidoro
Vinícius Cavalari

Título original

Elements of Philosophy

Tradução

Marsely De Marco Martins Dantas

Revisão

Juliana Biggi

Projeto gráfico, capa e miolo

Richard Veiga

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor. (Lei nº 9.610/98)

Todos os direitos de tradução reservados para:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP: 01135-000 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br



DEDICATÓRIA DO AUTOR

AO
MEU MAIS HONRADO SENHOR
WILLIAM, CONDE DE DEVONSHIRE

MONUMENTO do meu serviço e da sua generosidade, embora, após a Terceira Parte publicada, por vezes adiada, mas finalmente terminada, apresento agora e dedico ao excelentíssimo senhor a primeira parte de *Elementos da Filosofia*. Um pequeno livro, mas complexo e notável o suficiente, se é que os homens possam ser considerados notáveis. Para o leitor dedicado e versado em demonstrações de matemática, ou seja, vossa senhoria, será leve e de fácil compreensão, e com ideias novas, mas sem qualquer inovação ofensiva.

Reconheço que esta parte da filosofia, que considera linhas e formas, foi notavelmente aperfeiçoada por pessoas que viveram na Antiguidade e usaram o padrão mais perfeito de lógica para demonstrar tais magníficos teoremas. Também reconheço que a teoria da movimentação diurna da Terra foi inventada por essas pessoas; mas que tanto ela como a astrono-

mia, ou seja, a física celestial, foram abafadas com palavras enganosas por inúmeros filósofos. Portanto, acredito que a astronomia, exceto observações, teve seu início na época de Nicolau Copérnico; que restaurou a opinião de Pitágoras, Aristarco e Filolau. Depois dele — com a teoria do movimento da Terra agora aceito, e com uma pergunta difícil a respeito da queda de corpos pesados — foi Galileu que abriu caminho para a filosofia natural universal, conceito da natureza do *movimento*. Assim, nem a época da filosofia natural pode ser calculada antes dele.

Por fim, a ciência do *corpo humano*, a parte de maior valor da ciência natural, foi primeiramente descoberta com admirável astúcia pelo nosso compatriota Dr. Harvey, médico dos reis James e Charles, e relatada em seus livros sobre o *Movimento do Sangue* e a *Geração de Criaturas Vivas* que é o único homem que conheço e, ao ser publicado, estabeleceu uma nova doutrina em sua época. Antes de tudo isso, não havia nada de certo na filosofia natural, apenas cada experimento por si mesmo; e as histórias naturais, se é que podem ser chamadas de exatas, não são mais exatas que histórias civis. Porém, desde então, a astronomia e a filosofia natural em geral têm, há pouco tempo, sido extraordinariamente trabalhadas por Joannes Keplerus, Petrus Gassendus e Marinus Mersennus; e a ciência do corpo humano tem encontrado respaldo em especial na inteligência e aplicação de médicos, os verdadeiros filósofos naturais, especialmente por nossos conhecidos homens da Faculdade de Medicina de Londres. Portanto, enquanto a Filosofia Natural é jovem, a Filosofia Civil é mais jovem ainda, como o meu próprio livro *De Cive* (digo isso porque fui provocado, e que meus detratores saibam que em nada me abalaram).

O quê? Não havia filósofos naturais ou civis entre os Gregos da Antiguidade? Sim, havia homens chamados de testemunhas de Luciano de Samósata¹, de onde são oriundos; testemunhas de cidades diversas, das quais foram frequentemente banidos. Mas isso não significa que houve *filosofia*. Na verdade, havia um certo fantasma que assombrava a Grécia Antiga. Era algo um pouco parecido com a filosofia, mas cercado de fal-

¹ De origem possivelmente semita, Luciano escreveu em grego e se tornou conhecido por seus diálogos satíricos em que criticava e satirizava efusivamente os costumes e a sociedade da época. Exerceu, a partir da Renascença, influência significativa sobre escritores ocidentais como Erasmo, Rabelais, Quevedo, Voltaire e Machado de Assis.

sidade e podridão; e os homens descuidados, pensando que tal coisa fosse filosofia, aderiram aos seus ensinamentos. E, embora discordassem entre si, submeteram seus filhos a esses ensinamentos em vez de submetê-los à sabedoria; motivados pela discórdia e negligenciando as leis ao determinar cada questão a seu bel-prazer.

Os primeiros doutores da Igreja, após os Apóstolos, nascidos em tais épocas, enquanto planejavam defender a fé cristã contra os Gentios² por motivos naturais, também começaram a usar filosofia e, com os decretos da Sagrada Escritura, a mesclar os julgamentos dos filósofos pagãos; primeiramente com alguns inofensivos discípulos de Platão, e mais tarde com alguns tolos e falsos da física e metafísica de Aristóteles; e introduzindo os inimigos, trouxeram-nos para o Cristianismo.

Desde aquela época, em vez da adoração a Deus, ocorre algo chamado de *escola da divindade*: pelo lado bom, a Sagrada Escritura; e pelo lado ruim, o que o Apóstolo Paulo chamava de vaidade, e que poderia ter chamado até de *filosofia perniciosa*; pois causou o surgimento de várias polêmicas no mundo do Cristianismo com respeito à religião, e dessas polêmicas vieram as guerras. É como a *Empusa* da mitologia grega, conhecida em Atenas como um fantasma mutante, com uma perna de bronze e a outra de burro, enviado pela Deusa Hécate³ como sinal de mau presságio. Contra a *Empusa*, a melhor forma de exorcismo inventada foi a de distinção entre as regras da religião, ou seja, as regras de honrar a Deus, advindas das leis; e as regras da filosofia, advindas das opiniões individuais dos homens; transferindo o que é devido à religião para a Sagrada Escritura, e o que é devido à filosofia para a razão natural. E isso farei, lidando com os Elementos da Filosofia de forma verdadeira e clara. Portanto, na Terceira Parte, que publiquei e dediquei à vossa senhoria, reduzi todo o poder eclesiástico e civil a uma única autoridade soberana, usando argumentos e justificativas, e sem nenhum tipo de repúdio à palavra Deus; minha intenção agora, ao apresentar as verdadeiras fundações da filosofia natural de forma clara, é de espantar para bem longe

2 Designa um não israelita, ou seja, aquele que segue o paganismo.

3 Na mitologia grega acreditava-se que Hécate vagava à noite pela Terra, acompanhada por seu séquito de espectros, e que era vista apenas por cães, cujos latidos indicavam a sua aproximação.

essa *Empusa*; não por meio da luta, mas levando a luz até ela. Pois estou confiante — se a confiança da escrita pode proceder do medo, da cautela, e da própria falta de confiança do escritor — que tudo o que disse nas três partes anteriores desta obra é suficientemente demonstrado por meio de explicações; e que a quarta parte é demonstrada por suposições prováveis e nada absurdas. Entretanto, se, para vossa senhoria, as minhas observações parecerem pouco demonstradas ao leitor leigo, será porque manifestei parte da minha escrita a geômetras. Por outro lado, não tenho dúvida de que vossa senhoria ficará satisfeito.

A segunda parte refere-se ao *Homem*. Nela, escrevo sobre *Ópticas*, que contém seis capítulos e suas respectivas tabelas, escrevi em seis anos. O resto, assim que possível, será adicionado; embora, devido à insolência e inabilidade de alguns homens, já sei, por experiência, que não receberei agradecimentos merecidos por dizer aos homens a verdade sobre eles. O peso que carrego, levarei comigo para sempre, sem tentar aliviá-lo, mas para me vingar da inveja que recai sobre mim. Fico lisonjeado em saber que vossa senhoria aprecia o meu trabalho, e isso é o que mais importa para mim. E, por esse motivo, pedindo a Deus que zele por sua segurança, serei eternamente grato a vossa senhoria.

Do seu mais humilde servo,

Thomas Hobbes.

Londres, 23 de abril de 1655.



EPÍSTOLA DO AUTOR AO LEITOR

NÃO PENSE, querido leitor, que a filosofia cujos elementos vou apresentar seja aquela que produz pedras filosofais, nem a que se encontra nos códigos metafísicos. É, sim, aquela que constitui a razão natural do homem, voando alto e baixo entre as criaturas e retornando com um relato verídico de sua ordem, causas e efeitos. Portanto, a filosofia, filha do mundo e de sua própria mente, está dentro de você; talvez não plenamente formada, mas no mundo que criou, como era no início, uma coisa confusa. Faça como os escultores que, ao reduzirem o que é supérfluo, não fazem uma mera imagem, mas a descobrem. Ou imite a criação, se quer ser um verdadeiro filósofo, deixe a razão mover-se sobre o fundo de suas próprias cogitações e experiências; as coisas que estão em conflito devem ser separadas, distintas e postas em ordem, cada qual com seu próprio nome; ou seja, o seu método deve assemelhar-se ao da criação. A ordem da criação foi *luz, distinção entre dia e noite, o firmamento, as luminárias, as criaturas sensíveis, o homem*; e, após a criação, o *mandamento*. Portanto, a ordem da contemplação será *razão, definição, espaço, as estrelas, as qualidades sensíveis, o homem*; e, depois que o homem se

tornar adulto, *sujeição ao comando*. No primeiro capítulo da primeira parte, intitulado *Lógica*, estabeleço a luz da razão. No segundo, que tem por título os *Princípios da Filosofia*, faço distinção entre as noções mais comuns por meio de definições precisas, o intuito é evitar a confusão e a obscuridade. O terceiro capítulo é referente à expansão do espaço, isto é, *Geometria*. O quarto contém o *Movimento das Estrelas*, juntamente com a doutrina das qualidades sensíveis.

A segunda parte, se Deus permitir-me, irá tratar do *Homem*. A terceira parte discorre sobre doutrina da *Sujeição* já concluída. Esse foi o método que segui, e se for do seu agrado, poderá usar o mesmo, pois aqui apenas o apresento, sem qualquer tipo de recomendação. Mas seja qual for o método escolhido, recomendo a filosofia, isto é, o estudo da sabedoria, cuja falta causa muitos danos a nós. Porque aqueles que estudam a riqueza, fazem-no por amor à sabedoria, já que seus tesouros lhes servem apenas como um espelho para contemplarem sua própria sabedoria. Também aqueles que amam dedicar-se aos assuntos públicos almejam apenas um lugar para exibir sua sabedoria; e se os homens voluptuosos negligenciam a filosofia é simplesmente porque não sabem o quanto prazeroso é para a mente humana ser seduzida pelos abraços perpétuos e vigorosos do mais belo dos mundos. Por fim — ainda que só por esta razão, levando em consideração que a mente humana é tão impaciente com o vazio do tempo quanto a natureza com o vazio do espaço, para que ao final você não seja forçado, por falta do que fazer, a incomodar as pessoas que têm suas ocupações, ou a envolver-se com más companhias para ter algo próprio com que preencher o tempo — recomendo que você estude filosofia. Até logo.

T. H.



SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE
COMPUTAÇÃO OU LÓGICA, 15

Capítulo

- I Da Filosofia, 17
- II Dos Nomes, 27
- III Da Proposição, 41
- IV Do Silogismo, 55
- V Do Erro, da Falsidade e das Capciosidades, 65
- VI Do Método, 75

SEGUNDA PARTE**OS PRIMEIROS FUNDAMENTOS DE FILOSOFIA, 95**

Capítulo

- VII Do Espaço e do Tempo, 97**
- VIII Do Corpo e Do Acidente, 107**
- IX Da Causa e Do Efeito, 123**
- X Da Força e Da Ação, 131**
- XI Da Identidade e Da Diferença, 137**
- XII Da Quantidade, 143**
- XIII Do Analogismo, ou Da Mesma Proporção, 149**
- XIV Do Reto e Do Curvado, Ângulo e Forma, 173**

TERCEIRA PARTE**DAS PROPORÇÕES DOS MOVIMENTOS
E DAS MAGNITUDES, 195**

Capítulo

- XV Da Natureza, Das Propriedades, e Das Considerações
Distintas de Movimento e Empenho, 197**
- XVI Do Movimento Acelerado e Uniforme, e
do Movimento por Afluência, 209**
- XVII Das Formas Deficientes, 231**
- XVIII Da Equação de Linhas Estreitas com as Linhas Curvas das
Parábolas e Outras Formas que Imitam Parábolas, 251**
- XIX Dos Ângulos de Incidência e Reflexão,
Semelhantes por Suposição, 257**
- XX Da Dimensão de um Círculo, e a Divisão
de Ângulos ou Arcos, 271**

- XXI Do Movimento Circular, **293**
XXII De outras Variedades de Movimento, **307**
XXIII Do Centro de Equilíbrio de Corpos Pressionados
para Baixo em Linhas Retas Paralelas, **323**
XXIV Da Refração e Reflexão, **343**

QUARTA PARTE

DA FÍSICA, OU DOS FENÔMENOS DA NATUREZA, 353

Capítulo

- XXV Do Sentido e do Movimento Animal, **355**
XXVI Do Mundo e Das Estrelas, **373**
XXVII Da Luz, Do Calor e Das Cores, **397**
XXVIII Do Frio, Do Vento, Do Rude, Do Gelo, Da Restituição
Da Curvatura dos Corpos, Da Transparência, Do Raio
e Do Trovão, e Das Cabeceiras dos Rios, **413**
XXIX Do Som, Odor, Sabor e Toque, **429**
XXX Da Gravidade, **447**

PRIMEIRA PARTE



COMPUTAÇÃO OU LÓGICA



{ Capítulo I }

DA FILOSOFIA

1. Introdução.
2. Definição de filosofia explicada.
3. Raciocínio da Mente.
4. Propriedades, o que são.
5. Como Propriedades são conhecidas pela Geração, e vice-versa.
6. Escopo da Filosofia.
7. Utilidade da Filosofia.
8. Assunto da Filosofia.
9. Partes da Filosofia.
10. Epílogo.

1.**INTRODUÇÃO.**

A FILOSOFIA parece-me encontrar-se, entre os homens de hoje, na mesma forma com que os cereais e o vinho eram conhecidos no mundo na Antiguidade, pois desde o início havia videiras e espigas crescendo por toda parte nos campos, mas ninguém se preocupava em plantá-las e semeá-las. Assim, os homens viviam de frutos do carvalho; mas, se alguns fossem mais ousados e comessem daquelas frutas desconhecidas e duvidosas, faziam-no arriscando sua saúde. Da mesma forma, todo homem trouxe consigo a Filosofia, ou seja, a Razão Natural, ao mundo; porque todos os homens são capazes de raciocinar em algum grau sobre algumas coisas; mas quando há a necessidade de uma longa série de razões, a maior parte dos homens desvia-se do caminho e erra por falta de método, como por falta da sementeira e do plantio, ou seja, do aperfeiçoamento de sua razão. E disso decorre que aqueles que se contentam com a experiência cotidiana, o que pode ser comparado a alimentar-se de frutos do carvalho, ou rejeitam a filosofia ou por ela não têm muita consideração. Tais homens são comumente considerados, e são, realmente, homens de juízo mais sólido do que aqueles que, a partir de opiniões que, embora não vulgares, ainda estão cheias de incertezas, e são acolhidas de forma negligente, não fazendo mais do que disputar e discutir, como homens que não estão em seu juízo perfeito.

Confesso, na verdade, que a parte da filosofia em que se computam grandezas e formas está altamente aprimorada. Mas, como não observei o mesmo avanço em outras de suas partes, meu propósito, estando ao meu alcance, é o de expor os poucos e primordiais Elementos de Filosofia em geral, como muitas sementes a partir das quais a Filosofia pura e verdadeira possa, a partir daqui, desenvolver-se gradualmente.

Sei o quanto é difícil remover das mentes dos homens tais opiniões inveteradas que ali se enraizaram, e que foram confirmadas pela autoridade dos autores mais eloquentes; especialmente ao ver que a Filosofia verdadeira (isto é, precisa) rejeita não apenas a tinta e as cores falsas da linguagem, mas até seus próprios ornamentos e encantos; e que os primeiros fundamentos de toda a ciência são belos, mas também são pobres, áridos e deformados em aparência. No entanto, como há certamente poucos

homens satisfeitos com a verdade e a força da razão em todas as coisas, achei que valeria a pena fazer falar sobre esse assunto em benefício desses poucos. Portanto, a seguir, começo pela própria definição de Filosofia.

2.

DEFINIÇÃO DE FILOSOFIA EXPLICADA.

A FILOSOFIA é o conhecimento dos efeitos ou aparências que adquirimos pelo raciocínio verdadeiro do conhecimento que temos inicialmente de suas causas ou criações; mais ainda, dessas causas ou criações por sabermos primeiramente seus efeitos.

Para compreendermos melhor essa definição, devemos considerar primeiramente que embora a Sensação e a Memória das coisas comuns aos homens e a todas as criaturas vivas sejam conhecimentos, ainda assim, por serem oferecidas imediatamente pela natureza e não obtidas por meio do raciocínio, não são filosofia.

Em segundo lugar, visto que a Experiência nada mais é do que uma memória; e a Prudência ou a prospecção do tempo futuro, nada mais do que a expectativa de tais coisas das quais já tivemos experiência, a Prudência também não pode ser considerada filosofia.

Por raciocínio, quero dizer *computação*. Computar é coletar a soma de muitas coisas que são misturadas, ou saber o que permanece quando uma coisa é retirada de outra. Portanto, *Raciocínio* é o mesmo que *adição* ou *subtração*, e se alguém acrescentar *multiplicação* e *divisão*, não terei objeções, a multiplicação nada mais é do que uma adição de elementos iguais de um para outro; e a divisão, nada mais do que uma subtração de elementos iguais de outro para um, tantas vezes quanto possível. Para que todo raciocínio seja compreendido nestas duas operações da mente, na adição e na subtração.

3.

RACIOCÍNIO DA MENTE.

COMO podemos, sem o uso de palavras, pelo raciocínio de nossa mente, adicionar e subtrair silenciosamente em nossos pensamentos? Primeiramente, quando um homem vê algo indefinido à distância, ainda que

nenhuma denominação tenha sido dada a qualquer coisa, ele terá, portanto, a mesma ideia daquela coisa que, por imposição, chamamos de *corpo*. Quando, ao aproximar-se mais um pouco, ver a mesma coisa, ora em um local e ora em outro, terá uma nova ideia dela; que agora passamos a chamar de *animada*. Quando, ao chegar bem perto, perceber a forma, ouvir a voz e ver outras coisas que são sinais de uma mente racional, ele tem uma terceira ideia, embora ainda sem denominação, ou seja, o que agora chamamos de algo *racional*. Por fim, quando ao olhar de perto e de forma distintiva conceber tudo o que viu como uma coisa única, a ideia passa a ser uma composição de suas ideias anteriores, combinadas na mente na mesma ordem em que essas três denominações: *corpo*, *animado*, *racional* são compostas na fala em uma só denominação: *corpo-animado-racional*, ou *homem*. Da mesma forma, a partir dos diferentes conceitos dos *quatro lados*, *igualdade de lados* e *ângulos retos*, é composto o conceito de um *quadrado*. Pois a mente pode conceber uma forma de quatro lados sem nenhum conceito da sua igualdade, e dessa igualdade sem conceber um ângulo reto; e pode combinar todos esses conceitos isolados em uma única concepção ou ideia de um quadrado. Assim, vemos como as concepções da mente são compostas. Além disso, alguém que vê um homem parado próximo de si concebe a ideia total desse homem; e se, à medida que se afasta, ele o acompanhar apenas com os olhos, perderá a ideia das coisas que eram sinais de que ele é racional, enquanto a ideia de um corpo-animado permanecerá ainda diante de seus olhos, fazendo com que a ideia de racional seja subtraída da ideia total de homem, ou seja, do corpo-animado-racional, deixando apenas a ideia de corpo-animado; e, um pouco mais tarde, de uma distância maior, a ideia de animado será perdida, restando apenas a de corpo; fazendo com que, quando nada mais puder ser visto, a ideia total desapareça de vista. Com esses exemplos, penso que fica suficientemente claro em que consiste o raciocínio interno da mente sem palavras.

Portanto, não devemos pensar que a computação, ou seja, o raciocínio, ocorra apenas em relação a números, como se o homem fosse diferenciado de outras criaturas vivas (reconhecida como sendo a opinião de Pitágoras) apenas pela faculdade de numeração; pois a *grandeza*, o *corpo*, o *movimento*, o *tempo*, os *níveis de qualidade*, a *ação*, a *concepção*, a *proporção*, a *fala* e os *nomes* (nas quais todas as espécies de filosofia consistem)

são capazes de adição e subtração. Agora, tais coisas que adicionamos e subtraímos, ou seja, que levamos em conta, tornam-se conhecidas por *considerar*, em grego λογίζεσθαι, e συλλογίζεσθαι também significa *computar*, *raciocinar* ou *calcular*.

4.

PROPRIEDADES, O QUE SÃO.

AS PROPRIEDADES são os *efeitos* e as *aparências* das coisas ao sentido, são faculdades ou poderes dos corpos que nos fazem diferenciá-los uns dos outros; ou seja, concebem um corpo como sendo igual ou desigual, semelhante a ou diferente de outro corpo; como no exemplo anterior, quando chegamos próximos a algum corpo, percebemos seu movimento e o diferenciamos de uma árvore, uma coluna e outros corpos imóveis; assim, esse movimento é uma *propriedade* desse corpo, como sendo algo próprio das criaturas vivas, e uma faculdade que nos faz diferenciá-las de outros corpos.

5.

COMO PROPRIEDADES SÃO CONHECIDAS PELA GERAÇÃO, E VICE-VERSA.

COMO o conhecimento de algum efeito pode ser obtido a partir do conhecimento de sua geração e facilmente compreendido pelo exemplo de um círculo, pois, se uma forma plana de um círculo for colocada diante de nós, o mais próxima possível, provavelmente não poderemos perceber pelo sentido se é ou não um verdadeiro círculo; no entanto, algo é mais fácil de ser conhecido quando conhecemos primeiro a geração da forma apresentada. Porque ao sabermos que a forma foi produzida pela circunferência de um corpo da qual uma das extremidades permaneceu imóvel, poderemos raciocinar da seguinte forma: um corpo carregado, sempre possuidor do mesmo comprimento, aplica-se primeiro a um *raio de alcance*, depois a outro, a um terceiro, um quarto, e sucessivamente a todos; e, portanto, o mesmo comprimento, do mesmo ponto, toca a circunferência em todas as suas partes, o que equivale a dizer que todos os *raios* são iguais. Portanto, sabemos que de tal geração ocorre uma forma,

da qual um ponto médio e todos os pontos extremos são alcançados por *raios* iguais. E, da mesma maneira, conhecendo inicialmente a forma que está diante de nós, podemos chegar a alguma geração semelhante pelo raciocínio; embora, talvez não àquela por meio da qual foi feita, mas por meio da qual poderia ter sido feita; pois aquele que sabe que um círculo tem a propriedade anteriormente declarada facilmente saberá se um corpo transportado, como foi dito, gerará ou não um círculo.

6.

ESCOPO DA FILOSOFIA.

O *PROPÓSITO* ou o *escopo* da filosofia é composto de efeitos previamente observados, que podemos fazer uso para nosso benefício; ou que, pela aplicação de corpos uns aos outros, podemos produzir efeitos iguais àqueles que concebemos em nossa mente conforme o corpo, a força e o empenho venham a permitir para o bem da vida humana. Para a glória interior e o triunfo da mente de um homem para que tenha o domínio sobre um assunto difícil e confuso, ou para descoberta de alguma verdade oculta, todo o esforço aplicado ao estudo da filosofia não compensa; se julgar que esse será o único benefício de seu trabalho, um homem nem precisa se preocupar tanto em ensinar ao outro o que sabe. O propósito do conhecimento é o poder, e o uso dos teoremas (que, entre os geômetras, servem para descobrir propriedades) destina-se à interpretação de problemas; e, por fim, o escopo de toda especulação é a realização de alguma ação, ou de alguma coisa a ser feita.

7.

UTILIDADE DA FILOSOFIA.

MAS A *utilidade* da filosofia, especialmente a da filosofia natural e da geometria, será mais bem compreendida se levarmos em consideração as principais comodidades das quais a humanidade é capaz, e se compararmos o modo de vida daqueles que desfrutam dessas comodidades com o modo de vida daqueles que não as têm. As maiores comodidades da humanidade são as artes; ou seja, medir a matéria e o movimento; mover corpos pesados; arquitetura; navegação; produzir instrumentos

para todos os usos; calcular os movimentos celestiais, os aspectos das estrelas e as partes do tempo; geografia etc. Os enormes benefícios que os homens recebem dessas ciências são mais fáceis de entender do que expressos em palavras. Esses benefícios são desfrutados por quase todos os povos da Europa, pela maioria dos da Ásia e por alguns da África; apenas os americanos, e aqueles que vivem próximos aos polos, não os desfrutam. Mas por quê? Seriam os povos europeus, asiáticos e africanos mais inteligentes? Os seres humanos não têm cada um a sua alma, e as mesmas faculdades mentais? Então, o que faz essa diferença senão a filosofia? Portanto, a filosofia é a causa de todos esses benefícios. Entretanto, a utilidade da filosofia moral e civil deve ser avaliada, não tanto pelas comodidades que temos por meio do conhecimento dessas ciências, mas pelas calamidades que nos atingem por não conhecê-las. Tais calamidades, mesmo que evitadas pelo empenho humano, surgem da guerra, principalmente da guerra civil; pois dela ocorre a matança, a solidão e a falta de todas as coisas. Contudo, a causa da guerra não é que os homens estejam querendo travá-la; o querer não tem por objetivo o que é material, apenas o que é bom; pelo menos, aquilo que parece ser bom. Nem é por causa dele que os homens desconhecem que os efeitos da guerra são nocivos, pois quem é que não pensa que a pobreza e a perda da vida sejam grandes males? Portanto, a causa da guerra civil é que a maioria dos homens desconhece as causas da guerra ou da paz, deixando apenas uns poucos no mundo que aprenderam os deveres que unem e mantêm os homens em paz, ou seja, que aprenderam suficientemente as regras da vida civil. O conhecimento dessas regras é a filosofia moral. Mas não aprenderam isso até agora porque ninguém ensinou por meio de um método claro e exato. O que podemos dizer, então? Os antigos mestres da Grécia, do Egito, de Roma, e outros poderiam persuadir a inapta multidão em relação a suas inúmeras opiniões sobre a natureza de seus deuses, que eles próprios nem sabiam se eram verdadeiras ou falsas, e que eram claramente falsas e absurdas; e não conseguiam persuadir essa mesma multidão a exercer seu dever civil, pois nem eles mesmos as tinham compreendido. Ou os poucos escritos dos geômetras, que ainda existem, deveriam ser considerados suficientes para eliminar toda controvérsia sobre assuntos neles contidos; e os inúmeros e espessos volumes de *ética* deveriam ser considerados suficientes, se tudo o que ensinam estava correto e bem

demonstrado. Então, por que os escritos daqueles homens aumentaram a ciência, enquanto os desses últimos apenas o vocabulário, lembrando que aqueles foram produzidos por homens com conhecimento, e estes por homens que desconheciam da própria doutrina que ensinavam, e apenas o faziam para exibir sua inteligência e eloquência? Entretanto, não nego que a leitura de alguns desses livros seja muito agradável; pois são escritos de modo muito eloquente, e com muitas sentenças claras, sólidas e de bom gosto, mas que ainda não são universalmente verdadeiras, embora sejam apresentadas dessa forma. As mudanças de tempos, lugares e pessoas são usadas com mais frequência para apoiar homens mal intencionados do que para fazê-los entender os preceitos dos deveres civis. Na verdade, eles necessitam de uma regra verdadeira e certa com relação a suas ações em que possam saber se o que pretendem fazer é justo ou injusto; pois de nada vale estar disposto a agir corretamente, antes que se tenha estabelecido uma regra para o que está correto, algo que ninguém havia feito até então. Portanto, a partir do desconhecimento dos direitos civis, ou seja, da falta de uma ciência moral, ocorrem as guerras civis e as maiores calamidades da humanidade; podemos muito bem atribuir a essa ciência a produção das comodidades contrárias. E mesmo que isso já seja o suficiente, podemos ainda citar os louvores e outras satisfações procedentes da filosofia, para vermos claramente a utilidade desta.

8.

ASSUNTO DA FILOSOFIA.

O *ASSUNTO* da Filosofia, ou a questão de que trata, é cada corpo do qual podemos conceber qualquer geração, e que podemos, de alguma forma, comparar com outros corpos, ou que é capaz de composição e resolução; ou seja, qualquer corpo sobre cuja geração ou propriedades podemos ter algum conhecimento. E isso pode ser deduzido da definição de filosofia, cuja tarefa é pesquisar as propriedades dos corpos a partir de sua geração, ou sua geração a partir de suas propriedades; e, portanto, onde não houver geração ou propriedade, não haverá filosofia. A filosofia exclui a *Teologia*; isto é, a doutrina de Deus, eterna, única, incompreensível, e na qual não há nada a dividir ou a compor, nem qualquer geração a ser concebida.

Exclui ainda a teoria dos *anjos*; e todas as teorias semelhantes não são consideradas corpos nem propriedades de corpos, já que nelas não há lugar para composição ou divisão, nem qualquer capacidade de mais ou menos; ou seja, nenhum lugar para o raciocínio.

Exclui também a *história natural e política*; embora sejam muito úteis (e necessárias) para a filosofia, o conhecimento que proporcionam é apenas experiência ou autoridade, nunca raciocínio.

Exclui todo conhecimento adquirido por meio de inspiração Divina, ou revelação, que não é oriundo da razão, mas sim imediatamente da graça Divina, considerada sobrenatural.

Exclui todas as teorias falsas e sem fundamento, pois nada que conhecemos por meio do raciocínio correto pode ser falso ou duvidoso; e, portanto, a *astrologia*, como é conhecida hoje, e todas as outras adivinhações existentes estão excluídas.

Concluindo, a doutrina da *adoração de Deus* está excluída da filosofia, não por não ser reconhecida pela razão natural, mas pela autoridade da Igreja; e por ser objeto da fé, e não do conhecimento.

9.

PARTES DA FILOSOFIA.

DUAS são as partes principais da filosofia. Dois tipos principais de corpos, muito diferentes entre si, oferecem-se para investigar suas gerações e propriedades. Um deles, por ser obra da natureza, é chamado de *corpo natural*; o outro, por ser produto das vontades e dos acordos dos homens, é chamado de *sociedade*. E desses tipos nascem duas novas partes da filosofia, chamadas *natural* e *civil*. Por esse motivo, para o conhecimento das propriedades de uma sociedade, é preciso conhecer primeiramente as disposições, afetos e costumes dos homens; a filosofia civil é normalmente dividida em duas partes; uma que trata das disposições e dos costumes dos homens e é chamada de *ética*; e a outra que reconhece seus deveres civis e é chamada de *política*, ou simplesmente *filosofia civil*. Dessa forma, primeiramente (depois que estabeleci tais premissas como pertencentes à natureza da filosofia em geral), discutirei sobre os *corpos naturais*; em seguida, sobre as *disposições e costumes dos homens*; e, por fim, sobre os *deveres civis dos indivíduos*.

10.**EPÍLOGO.**

CONCLUSÃO: possivelmente muitas pessoas não apreciarão a minha definição de filosofia e dirão que a partir da liberdade que um homem escolhe para si, ele poderá concluir qualquer coisa sobre qualquer coisa (embora eu acredite que não é difícil demonstrar que minha definição esteja de acordo com a opinião de todos os homens); mesmo assim, não deveria haver qualquer tipo de disputa entre nós, pois me proponho apenas a apresentar os elementos dessa ciência por meio da qual os efeitos de qualquer coisa podem ser descobertos a partir do conhecimento da sua geração, ou vice-versa; com o propósito de que os que buscam por outra filosofia sejam alertados a buscá-la por outros princípios.